

## A APOSTA FREIREANA DE UMA REFLEXIVIDADE NARRATIVA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS

*Freireana's bet on a narrative reflexivity for teacher education*

*La apuesta de freireana por una reflexividad narrativa para la formación docente*

Joelson de Sousa Morais\*

---

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2022.v4i1n8.111-132>

---

### Resumo

O texto em pauta trata-se de um ensaio teórico e crítico-reflexivo com o objetivo de refletir acerca das contribuições de Paulo Freire na promoção de uma reflexividade narrativa no contexto da formação de professores/as. As discussões pautam-se nas obras de Freire (1967; 1996; 2013): Educação como prática de liberdade, Pedagogia da autonomia e Pedagogia do Oprimido, articulando-se ao campo das narrativas (auto)biográficas sobre reflexividade com Josso (2007; 2010), Passeggi (2016), Abrahão (2016), Nakayama (2021) entre outros. Os resultados elucidam que Paulo Freire disseminava, em seus escritos e experiências cotidianas, que os sujeitos pensassem sobre si, diante da sua realidade e do mundo, e fossem capazes de promover transformações substanciais mediatizadas pela reflexão e autorreflexão, o que os levaria a um estado de conscientização e, conseqüentemente, transformação.

**Palavras-chave:** Reflexividade (auto)biográfica; Formação de Professores/as; Paulo Freire.

### Abstract

The text in question is a theoretical and critical-reflexive essay with the objective of reflecting on Paulo Freire's contributions in promoting narrative reflexivity in the context of teacher education. The discussions are based on the works of Freire (1967; 1996; 2013): Education as a practice of freedom, Pedagogy of autonomy and Pedagogy of the Oppressed, articulating to the field of (auto)biographical narratives about reflexivity with Josso (2007; 2010), Passeggi (2016), Abrahão (2016), Nakayama (2021) among others. The results elucidate that Paulo Freire disseminated in his writings and daily experiences seeking to make the subjects think about themselves, in the face of

## A APOSTA FREIREANA DE UMA REFLEXIVIDADE narrativa para a formação de professores/as

their reality and the world, capable of promoting substantial transformations mediated by reflection and self-reflection that led to a state of awareness, and, consequently, transformation.

**Keywords:** (Auto)biographical reflexivity; Teacher Training; Paulo Freire.

### Resumen

El texto en cuestión es un ensayo teórico y crítico-reflexivo con el objetivo de reflexionar sobre las contribuciones de Paulo Freire en la promoción de la reflexividad narrativa en el contexto de la formación docente. Las discusiones se basan en los trabajos de Freire (1967; 1996; 2013): Educación como práctica de la libertad, Pedagogía de la autonomía y Pedagogía del Oprimido, articulando al campo de las narrativas (auto)biográficas sobre la reflexividad con Josso 2007; (2010), Passeggi (2016), Abrahão (2016), Nakayama (2021) entre otros. Los resultados aclaran que Paulo Freire difundió en sus escritos y experiencias cotidianas buscando hacer que los sujetos se piensen a sí mismos, frente a su realidad y al mundo, capaces de promover transformaciones sustanciales mediadas por la reflexión y la autorreflexión que conduzcan a un estado de conciencia y, en consecuencia, transformación.

**Palabras clave:** Reflexividad (auto)biográfica; Formación de Profesores; Paulo Freire.

---

### Introdução

O mundo vem transformando-se numa velocidade acelerada, que tem alterado os modos de produção do conhecimento, as relações humanas e as experiências educativas, pedagógicas e formativas com diferentes intensidades.

Diante dessas mudanças, muito se alterou na sociedade, mas algo permanece vivo entre nós: as ideias do educador brasileiro Paulo Freire. E por que seu pensamento ainda é muito invocado e refletido?

Ensaio uma parca e ousada provocação em dizer que se deve aos inúmeros contributos que o educador pernambucano impulsionou e propiciou: na criação de políticas públicas sociais e educacionais; nos processos de humanização e emancipação das consciências; nas práticas de alfabetização de pessoas das classes populares; e na formação de professores/as, só para citar algumas iniciativas, que, por serem inumeráveis, não caberiam todas neste texto.

O pensamento de Paulo Freire é inesgotável no Brasil e no mundo, tanto no âmbito dos movimentos sociais quanto da educação e, sobretudo, na formação de professores/as. Suas ideias já vêm perdurando-se muito fortemente desde a sua existência e com maior efervescência entre 1960 e 1997, quando de sua partida para outro plano existencial. Ou seja, o período de maior fertilidade em que circulou e foi produzido o seu pensamento, que se deu nessa temporalidade, não se esgotou, pois teve continuidade nos anos subsequentes, abarcando outros universos e contextos e ampliando-se em escalas globais com bastante veemência. De sua morte até os dias atuais, já se passaram 25 anos, somando aos 37 ou quase quarenta, em que seu pensamento se amplificou, suas ideias já duram mais de sessenta anos. E o que significa toda essa temporalidade? É sobre esses pontos que vou discutir nas próximas linhas que contemplam esse artigo.

Os postulados de Paulo Freire ainda hoje se encontram como letra viva materializando-se no imaginário da sociedade brasileira e por várias partes do mundo, sobretudo, no campo educacional, na consolidação de diferentes políticas, práticas e saberes, e mais especialmente na formação de professores/as.

O texto em pauta trata-se de um ensaio teórico e crítico-reflexivo tomando alguns postulados freireanos que possam articular-se com a proposta de uma pedagogia narrativa. Assim, tem como objetivos refletir acerca das contribuições de Paulo Freire na promoção de uma reflexividade narrativa no contexto da formação de professores/as bem como compreender como o pensamento freireano permitiu a construção e o desenvolvimento de uma teoria reflexiva na formação docente e na prática pedagógica de professores/as em múltiplos tempos e espaços educativos.

Para tanto, uma questão norteadora que este trabalho busca problematizar é: que indícios revelam o pensamento de Paulo Freire na produção de uma teoria reflexiva que possam situar a formação de professores/as?

Nesse sentido, intenciono, neste texto, fazer uma incursão pelo pensamento do educador brasileiro que trouxe um legado potente e inestimável no campo educacional reverberando-se de forma muito latente em diferentes espaços e tempos, os quais vêm

ampliando-se, consideravelmente, sobretudo, nos últimos anos, decorrentes dos ataques à democracia, das ameaças à universidade pública e dos descaminhos e empecilhos gerados na educação e em outras áreas por governos ultraconservadores de direita, como é o caso do Brasil, desde 2019, na gestão do então presidente Jair Bolsonaro.

Além dessa página obscura que vem, infelizmente, acompanhando-nos na história da educação brasileira, lanço-me a problematizar, com maior atenção neste texto, de primeiro momento, as ideias do educador pernambucano, que, entre os/as pesquisadores/as, nos quais me incluo, são caras à perspectiva da reflexividade narrativa no contexto da formação de professores/as.

Tal movimento se dá pelo fato de me situar como pedagogo, pesquisador e narrador no processo de formação de professores/as, momento em que dialogo com os estudantes das licenciaturas no âmbito universitário sobre o entrelaçamento com o cotidiano da escola pública, onde estão atuando docentes na Educação Básica.

Para tanto, trago o foco na reflexividade narrativa ou reflexividade autobiográfica, entendendo-as como uma capacidade do sujeito de refletir acerca de si, da experiência e das relações estabelecidas com o outro e no mundo à sua volta no âmbito da linguagem, em relação aos processos vividos pelos quais passaram tirando lições, aprendizados e (trans)formação.

Assim, o conceito que compreendo de reflexividade autobiográfica é aquele entendido “como probabilidade de o indivíduo (criança, jovem, adulto) voltar-se sobre si mesmo para tentar explicitar o que sente ou até mesmo perceber que fracassa nessa difícil tarefa de (re)elaboração da experiência vivida” (PASSEGGI, 2016, p. 82).

É sob esse pano de fundo que ganham consonância as concepções tecidas por Paulo Freire em toda a sua obra. Algumas nas quais me fundamento são: *Educação como prática de liberdade* (1967), *Pedagogia da autonomia* (1996) e *Pedagogia do Oprimido* (2013), articulando-as ao campo das narrativas (auto)biográficas em que me pauto acerca dessa reflexividade (auto)biográfica e dos estudos da abordagem narrativa

à luz de Josso (2007; 2010), Passeggi (2016), Abrahão (2016), Nakayama (2021) e outros.

Em termos de estruturação deste texto, trago, na primeira parte, uma discussão acerca dos princípios freireanos no que pese aos modos outros de narrar autobiograficamente a sua experiência de vida, formação e profissão, e o que significou a construção e o desenvolvimento de sua teoria nesse aspecto; na segunda parte, delineio uma reflexão do papel e contributos das narrativas (auto)biográficas na formação docente tramadas por um viés reflexivo; já na terceira e última parte, trago elementos que possam fazer pensar o leitor quanto às marcas que deixou o patrono da educação brasileira, situando a dimensão da reflexividade narrativa como promotora de transformações e emancipações na formação humana e, em especial, de professores/as.

### **Paulo Freire, presente! De uma teoria da reflexividade narrativa à transformação das consciências**

Quando as ideias de uma pessoa e intelectual promovem transformações significativas e potenciais na sociedade e na educação, mesmo que ela um dia não permaneça mais materialmente no universo, seu legado permanece e se torna uma via indispensável de rememoração, tornando-o vivo, mesmo no imaginário, de outras tantas pessoas.

Foi assim que aconteceu com Paulo Freire (1921-1997), que completaria seu centenário em 2021 se estivesse vivo. Um educador pernambucano que teve fortes influências teóricas na formulação de seu pensamento, como John Dewey, Karl Marx e Antonio Gramsci, e influenciou alguns outros notáveis intelectuais em diferentes partes do globo, como Henry Giroux, Peter McLaren e Joe L. Kincheloe, entre outros.

Suas ideias representaram um divisor de águas na promoção de um estado de ser, estar e pensar dos sujeitos, muitos dos quais se encontravam numa condição de subalternos e pessoas de classes menos favorecidas diante do modelo hegemônico de sociedade, para um estado crítico, consciente e transformador de si, das suas ações e

consequente mobilização de forças potenciais que envolveram outros variados contextos, esferas do poder público e diversas comunidades e organizações governamentais e não governamentais.

O que tinha de tão especial nas ideias de Paulo Freire que tanto são lembradas até os dias atuais com apreço e admiração por muitos e com críticas e rechaçamento do seu pensamento por outros?

A resposta diz respeito ao seu olhar arguto e sábio para pessoas das camadas populares, trabalhadores, iletrados, sujeitos sem estudo e invisibilizados os quais não usufruíam de políticas públicas nem eram alvo de interesse das esferas públicas do poder para promover uma melhor qualidade de vida, permeada por educação, saúde, assistência social, segurança, moradia de qualidade e outras tantas políticas de direitos os quais possuíam, mas, por não terem conhecimento de que poderiam cobrar e exercer tais direitos, lhes era inviabilizada uma atuação consciente, restando uma vivência permeada pelos ditames da alienação, que cegamente os conduzia e na qual eram enquadrados.

E tal estado de ser do sujeito, digo, de uma condição de alienado para o de emancipado, só poderia ocorrer através da educação, a qual promovia transformações significativas ao aprender a sua palavra para a dizer em alto e bom tom em quaisquer lugares em que estivesse. Cabe invocar as palavras do próprio educador situando essa questão, ou seja, “[...] A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação”. (FREIRE, 1967, p. 36).

O que fez, então, o educador pernambucano para/com essas pessoas invisibilizadas sociocultural e educacionalmente?

Promoveu processos educativos e pedagógicos, a iniciar pela alfabetização desses sujeitos, para que pudessem - primeiro - saber a sua palavra e com ela mobilizar um conjunto de elementos e atuações no meio circundante a fim de mudar a sua

realidade, as suas vidas. Assim, de certo modo a educação seria a mola propulsora de libertação e emancipação das consciências.

É nesse contexto que situo a proposta de uma reflexividade autobiográfica que fora pensada e desenvolvida por Freire, no sentido de que os seus escritos e sua fala, em diferentes meios, materializavam-se por um potente dispositivo de reflexão sobre si, sua prática e a sociedade, levando os outros sujeitos a um profundo estado de promover uma reflexão também crítica e libertadora.

Trata-se, assim, quase que de uma maiêutica socrática, em que Freire questionava, por diversos processos de interpelação, o porquê de sujeito levar a vida que levava, se poderia mudar ou não (e o que poderia promover essa mudança) e quais os meios de que dispunham seu universo cultural, daí a ideia de *Círculo de Cultura*, utilizando os temas geradores - que eram as palavras e expressões oriundas do cotidiano sociocultural dos sujeitos e falada por eles mesmos - promovendo diferentes possibilidades de uma educação para o pensar e com sentido.

Em *Educação como prática de liberdade*, Freire (1967) elucida que somente através de uma reflexão e autorreflexão, é que o sujeito promove uma consciência libertadora de sua condição de sujeito no mundo, transformando e sendo transformado por ele. É interessante como tece essa reflexão o educador brasileiro. Recorro a uma contundente citação em que ele aprofunda essa questão falando de si:

[...] Sempre lhe pareceu, dentro das condições históricas de sua sociedade, inadiável e indispensável uma ampla conscientização das massas brasileiras, através de uma educação que as colocasse numa **postura de auto-reflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço**. Estava e está convencido o Autor de que a “elevação do pensamento” das massas, “o que se sói chamar apressadamente de politização”, a que se refere Fanon, em *Los Condenados de la Tierra*, e que constitui para ele uma forma de se “ser responsável nos países subdesenvolvidos”, começa exatamente por esta auto-reflexão. **Auto-reflexão que as levará ao aprofundamento conseqüente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras** (FREIRE, 1967, p. 36. Grifos meus).

É essa prática reflexiva permanente de si pelas escritas narrativas da experiência e formação, com provocativas ideias críticas da sociedade, das relações de poder, da condição em que se encontravam os sujeitos, do meio sociocultural e outros temas que fez de Paulo Freire um dos mais notáveis educadores de todas as épocas, com reconhecida visibilidade dentro e fora do Brasil e em diferentes áreas do conhecimento, principalmente na área de humanas e na social.

Portanto, o esforço de tecer processos reflexivos e autorreflexivos, tomando por base a citação de Freire acima, no que concerne à formação de professores/as, faz toda a diferença na vida e profissão destes/as sujeitos, configurando-se como possibilidades de mudanças no seu saber, fazer e pensar a si, o mundo, a prática, as relações de poder e as múltiplas questões que os/as atravessam em diferentes espaços, tempos e condições da existência.

No que se refere à *Pedagogia do Oprimido* (2013), o educador enfatiza o poder que tem uma educação problematizadora, que acredito se fazer presente aí uma ideia de reflexividade narrativa, a qual consiste em um processo de questionamento daquilo com que o sujeito se defronta, ou mesmo em práticas promovidas por educadores/as, professores/as e outras pessoas para pensarem o seu mundo, as razões e os porquês, combatendo a educação bancária, que somente reproduzia a ordem dominante e não fazia os sujeitos pensarem nas condições materiais de existência e do seu entorno, entre outros aspectos.

Assim, a reflexividade (auto)biográfica corresponde a um processo em que “cada sujeito lhes possibilita expressar as próprias vivências em termos de experiências de vida e de formação, com a inclusiva construção identitária” (ABRAHÃO, 2016, p. 42).

Em uma das passagens de *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2013, p. 78) reforça a magnitude e importância dos processos de recriação de conhecimentos por educadores/as e educandos/as que, nas palavras do autor, sustenta-se “ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes”.



Por isso, é tão significativo os sujeitos aprenderem a ler e a escrever para terem voz e vez em quaisquer circunstâncias e em diferentes lugares e espaços onde puderem se engajar, de forma política, autônoma e deliberada.

Já no tocante à *Pedagogia da autonomia* (1996), vejo, por diversas vezes, presente uma escrita reflexiva (auto)biográfica que empreende Freire ao retratar os saberes necessários à prática educativa, tomando por princípio sua própria experiência.

Nessa obra, um dos saberes que explicita o educador pernambucano, situando-se no campo da reflexividade, aproximando-o bastante da proposição que aqui estou discutindo, diz respeito, ainda na primeira parte do livro, ao fato de que *Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática*. Segundo ele, “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p. 38).

Por toda a sua vida pessoal e intelectual, Freire desenvolveu a capacidade de pensar sobre si mesmo e acerca da realidade, o que fez a diferença em seus escritos, por isso o tema da reflexividade transpassa toda a sua obra, pois sempre buscou trazer provocações disparadoras de pensamentos outros, para além do que se apresentasse no seu meio circundante.

Convém reforçar o poder da dimensão reflexiva na prática docente, que foi permeada pelas escritas narrativas freireanas, como promotora de transformações significativas tanto de professores/as em situações educativas e pedagógicas como para educandos/as em processos dialógicos de ensino e aprendizagem. Isso é reforçado pelo educador ao enfatizar que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a própria prática” (FREIRE, 1996, p. 39).

Daí a necessária prática reflexiva que poderia empreender docentes nos contextos concretos em que estão atuando profissionalmente e diante das condições de vida materiais, existenciais e formativas, aliando cultura pessoal, acadêmica, formativa e perpassando estruturas políticas de poder e da realidade que os/as envolve junto com as demais pessoas dentro e fora dos espaços educativos e pedagógicos.

Vale, ainda, salientar as diferentes correntes de pensamento e de intelectuais que Paulo Freire influenciou em várias partes do mundo, inclusive com a consequente contribuição de suas reflexões na criação de movimentos e grupos que passaram a produzir suas ideias que, até os dias atuais, têm sido muito caras e fundamentais, sobretudo no campo educacional, na pesquisa científica e na formação de professores/as.

Alguns pesquisadores narrativos, por exemplo, têm demonstrado a plausível contribuição de Paulo Freire no campo da formação de adultos, mediatizados pela riqueza do uso de narrativas (auto)biográficas e histórias de vida, em diferentes contextos e possibilidades. É o caso de Dominicé (2010), Josso (2010), Passeggi (2016), Bragança (2018), Nakayama (2021) entre outros, só para citar alguns, pensadores dos quais irei enfatizar caras reflexões a partir dos princípios freireanos, situando-os neste texto.

Sobre isso, é importante mencionar a corrente de *Histórias de vida em formação*, que foi fundada nos inícios da década de 1980, com os Pierre Dominicé, Marie-Christine Josso, Matthias Finger e Gaston Pineau, os três primeiros em Genebra (Suíça), e este último em Montreal (Canadá). Quando estavam formulando uma base teórica e os princípios que iriam consolidar seus processos educativos e pedagógicos na formação de adultos, encontraram, entre outros insignes intelectuais, o de Paulo Freire, gerando eco de suas abordagens com a primazia na perspectiva das narrativas (auto)biográficas e na metodologia de pesquisa-formação com histórias de vida de pessoas adultas, dentro e fora da universidade, no contexto da área da educação e outras áreas do conhecimento (JOSSO, 2010).

Essa corrente de formação utilizando narrativas de adultos em diferentes âmbitos e com variadas perspectivas, veio, com maior latência, desenvolver a ideia de reflexividade autobiográfica ou reflexividade narrativa que estou propondo neste texto, no sentido de trazer o próprio sujeito para pensar sobre si, sobre as suas experiências vividas, formativas, acadêmicas e existenciais, para dar sentido ao curso de sua história, promovendo aprendizagem, formação e transformação.

Daí a importância de praticar uma reflexão que seja permeada por criticidade e com um viés autoformador, tirando lições e aprendizados do que viveu no âmbito da experiência e ressignificando suas práticas, seus saberes e entrelaçamentos com tantos outros, praticando uma alteridade, que tem sido potencialmente significativa para se transformar.

Porém, devo salientar que não se trata de uma reflexão qualquer e sim daquela capaz de trazer o sujeito por meio de suas narrativas (auto)biográficas ou histórias de vida, para se situar diante das experiências vividas e nelas poder encontrar o sentido da vida, de sua existência e reconhecer aspectos positivos que se reverberam num estado de ser, pensar, fazer e mobilizar um conjunto de forças fluidas que o levem à felicidade e a um estado de espírito de encontro consigo no decurso da vida.

É mesmo um voltar para si por meio de suas narrativas e histórias de vida, para tirar lições potenciais, e o que não tiver sido frutífero ou significativo deixar à margem do caminho, encontrando outras razões que levem o sujeito tanto à (auto)estima quanto a outros estados de ligações conscienciais e de conexões consigo, com o mundo, com as coisas e a natureza, de forma a dar prosseguimento em sua existência, priorizando outras tantas experiências que lhes pareçam significativas.

Eis o que penso ter feito Paulo Freire: fazer muitas pessoas encontrarem o sentido da vida, de sua existência, formação, profissão, enfim, entre outras questões, a partir dos questionamentos feitos pelas narrativas de si, promovendo outras descobertas, aprendizados e (trans)formações.

Passo agora a explicitar os estudos de pesquisadores/as narrativos/as que revelam os contributos de Paulo Freire na criação e desenvolvimento de uma reflexividade autobiográfica mediatizada pela sua experiência. O que dão a ver a literatura a esse respeito? É nas linhas a seguir que busco evidenciar esses pontos.

Com Bragança (2018), encontro uma potente discussão afirmando que a vida e a obra de Paulo Freire significaram um processo enriquecedor na tessitura de uma epistemologia formadora, trazendo as suas próprias histórias de vida e narrativas como

professor pesquisador, dando a ver um diálogo com educadores e educandos na promoção de um processo formativo emancipatório. Tal modo de se narrar foi permeado por uma constante reflexão de si com o outro, saltando as fronteiras do instituído e criando possibilidades outras de (re)criação de saberes, políticas e práticas no campo educacional e na formação de jovens e adultos.

No que se refere ao estudo de Passeggi (2011), este apresenta a potencialidade com que se refletiu o pensamento de Paulo Freire, através dos olhos de Dominicé (2006), enfatizando que, para este, o educador brasileiro representou uma inspiração na criação e desenvolvido da corrente de *histórias de vida em formação*, “que, por sua vez, prolongou, ao seu modo, uma pedagogia centrada na liberdade do sujeito aprendente, na intenção de valorar o saber e o poder pensar sobre si como prática libertadora” (PASSEGGI, 2011, p. 154).

Já segundo Nakayama (2021, p. 10) por meio dos escritos de Paulo Freire, educadores/as e pesquisadores/as, sobretudo aqueles do campo educacional acabaram, “[...] tendo reconhecido a densidade de suas reflexões e escritos e, especialmente o entendimento de suas Cartas Pedagógicas enquanto movimento de construção autobiográfica com densidade histórica e autocrítica”

Portanto, Freire trouxe uma pluralidade de modos de escrita narrativa com dimensões de uma reflexividade autobiográfica, situando as práticas docente, a formação de professores/as, modos outros de registrar o vivido, como as Cartas Pedagógicas e variados outros dispositivos, aludindo ao componente de uma teoria reflexiva, deveras, significativa, para o despontar de outros tantos estudos e pesquisas na área educacional.

É um achado riquíssimo reforçar a potencialidade das Cartas Pedagógicas, sobre as quais se debruçou Paulo Freire no diálogo permanente com as pessoas com quem estabeleceu relações: educadores/as e professores/as comprometidos/as e compromissados/as com a escola pública, gratuita, laica e de qualidade social referenciada.

Por isso, convém explicitar, mais uma vez, esta pesquisadora narrativa, Bárbara Nakayama que vem, há algumas décadas, fazendo estudos, orientações e pesquisas acerca das Cartas Pedagógicas freireanas, evidenciando a grandeza desse dispositivo na promoção de uma reflexividade narrativa para a formação, em especial, de professores/as. Ela salienta que:

As Cartas Pedagógicas de Paulo Freire recolocam a educação no espaço coloquial e afetivo e toda a sua obra promove o essencial da educação: o diálogo que compartilha e provoca, revelando um patrimônio de ideias, práticas e valores que se conectam com os pilares da pesquisa autobiográfica, a prática da história de vida, da pesquisa, formação e ensino (NAKAYAMA, 2021, p. 12).

Desse modo, a reflexão que faço é a de que, com as Cartas Pedagógicas, Freire empreendeu uma ousada aventura de ter acesso ao cotidiano dos sujeitos com quem estabeleceu diálogos profícuos, produzindo a sua teoria e entrelaçando histórias de vida e narrativas com a conseqüente dimensão reflexiva, tão fundamental aos processos formativos na carreira do magistério e na formação humana como um todo, dentro e fora da educação e das instituições educativas ou outras.

Buscando extrapolar as fronteiras do cenário brasileiro, encontro, ainda, uma escrita reflexiva, tramada internacionalmente, por Apple (2017) no livro *A educação pode mudar a sociedade*, em que narra os diálogos que teve com Freire, em espaços públicos e privados, quando com este compartilhou experiências de vida e formação. Esse teórico americano destina o segundo capítulo de seu livro, tematizado *Paulo Freire e as tarefas do estudioso/ativista crítico na educação*, às narrativas de encontros que teve com Freire. Por isso, não posso deixar de trazer uma passagem primorosa na qual ele reflete, narrativamente:

[...] Em decorrência dessas conversas públicas e privadas, não há dúvida de que eu mudei, mas ele também mudou. A vontade de tomar uma posição intelectual e política radical em tempo de sério perigo – quando tudo está conspirando contra você – é a característica de pouquíssimas pessoas (APPLE, 2017, p. 50).

Esse rico diálogo entre Apple e Freire, mostra a inestimável contribuição e potencialidade de Freire na promoção de uma reflexividade autobiográfica, que foi influenciando diferentes intelectuais dentro e fora do Brasil. Eis, aí, um exemplo.

Outra significativa experiência internacional pode ser remontada à influência de Paulo Freire sobre Henry Giroux (1997). No livro deste autor, *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*, as ideias discutidas são bem tematizadas nas questões e reflexões no campo da educação das classes populares, em situação de vulnerabilidade social, com que se defrontam muitos/as professores/as nas escolas públicas. Freire, inclusive, fez a apresentação desse livro, dialogando com Giroux (1997), uma leitura, por sinal, muito interessante.

Em suma, ousou dizer, neste texto, que Paulo Freire foi um dos brilhantes intelectuais que formulou uma teoria da reflexividade autobiográfica, pois toda a sua obra foi escrita aliando suas concepções de vida pessoal, social, acadêmica, formativa e profissional. Portanto, suas escritas eram tecidas narrativamente, em primeira pessoa, com um profundo teor de criticidade e reflexão, capaz de levar o leitor a um pensar sobre si, provocando aprendizados intensivos e formação no decurso da leitura.

Por isso, torna-se fundamental tecer uma discussão que leve o sujeito a se situar perante a uma pulsante reflexividade acerca das escritas de si, mais especialmente, penso como professores/as em formação praticam uma reflexividade ou o que os processos de reflexão pelas narrativas de si podem significar na formação docente, tema que será o foco explicitado na seção a seguir.

### **O que pode uma reflexão mediatizada pelas narrativas de formação docente?**

As narrativas (auto)biográficas são um dispositivo de formação na qual se pratica uma reflexividade das experiências vividas pelo sujeito aludindo às suas histórias e às memórias dos percursos trilhados ao longo do tempo em sua existência.

Em se tratando de um processo formativo na/da docência como meio de provocação de uma reflexão que pudesse possibilitar aprendizagens, tomada de consciência e (trans)formação, encontro, nas narrativas (auto)biográficas, o meio privilegiado para tais perspectivas, o que temos feito como professores/as formadores/as

no cenário universitário, com estudantes de licenciaturas e com professores/as em exercício profissional no cotidiano das escolas públicas da Educação Básica.

Assim, remontando à provocação feita no título dessa seção: o que pode uma reflexão mediatizada pelas narrativas de formação docente?

Pode gerar muitos acontecimentos e um conjunto complexo de transformações intensivas que alia o perceber-se pelas escritas de si, ou pela oralidade nos processos mobilizadores dos/as professores/as ao narrar-se, e que pode reverberar-se em mudanças cruciais tanto no seu estado de espírito quanto na (re)elaboração dos saberes da prática pedagógica, além de ressignificar os tempos e espaços de aprender e ensinar.

Diante do exposto, elucidado a discussão de que faz Passeggi (2016), sobre esses processos reflexivos praticados por professores/as em situação de exercício profissional da docência. Segundo a autora:

[...] os professores que refletem a respeito de suas experiências e as lições aprendidas na docência, que tiveram a possibilidade de refletir sobre a docência com seus pares, seriam mais suscetíveis de responder a situações difíceis e/ou imprevistas com maior segurança por ter aprendido a melhor se compreender em situações de risco e a sair delas (PASSEGGI, 2016, p. 83).

É sob esse prisma que considero oportuno situar as contribuições de Paulo Freire, que mobilizou uma educação para o pensar por meio das narrativas (auto)biográficas, nas escritas de si, trazendo suas histórias de vida, nas escritas de Cartas Pedagógicas, em livros, conversas e outros dispositivos promovidos com professores/as, educadores/as e com os/as educandos/as no processo de escolarização, além das relações estabelecidas com trabalhadores/as das indústrias e rurais bem como outras tantas pessoas, principalmente das classes populares.

É possível, ainda, perceber que, em 2021, período que completou o centenário de Paulo Freire, após sua morte, muitos livros, textos e dossiês de revistas científicas foram publicados e muitos congressos, eventos e homenagens foram realizados no Brasil e em outras partes do globo, o que representa a efervescência de seu pensamento

proliferando-se cada vez mais e mostrando a fecundidade de suas ideias para a educação e a formação humana.

No cenário dessas publicações, é válido ressaltar alguns significativos textos que têm tematizado a perspectiva da formação de professores/as à luz das narrativas (auto)biográficas situando Paulo Freire como um dos proeminentes contribuidores nessa área.

Só para citar alguns dossiês, publicados em 2021, que tematizaram as propostas, ideias e princípios de Paulo Freire, posso mencionar o dossiê: *Celebrar Paulo Freire: reencantar o mundo e as utopias*<sup>1</sup>, trazendo artigos de diversos pesquisadores/as que problematizam o pensamento freireano sob variados prismas, entre os quais destaco o tema da formação de professores/as, que se correlaciona a proposta deste texto.

Alguns recentes estudos mostram a relevância das ideias freireanas no que diz respeito ao desenvolvimento de uma pedagogia narrativa no Brasil com caráter de reflexividade autobiográfica, como o desenvolvido por Moraes; Martins; Bragança (2021), e o potencial das narrativas de formação docente em diálogos com a leitura do mundo e de si, como o discutido por Henriques; Guimarães; Rodrigues (2021).

Diante desses estudos, uma citação que pode representar a potencialidade e riqueza dos contributos freireanos de uma reflexividade autobiográfica na abordagem narrativa pode ser elucidada com a seguinte provocação:

Trazer o pensamento freireano no contexto da sociedade atual, situando-o no âmbito da abordagem narrativa (auto)biográfica, é reavivar o seu legado como marca de uma temporalidade que é evocada e produzida enquanto força potencial para as pesquisas, experiências educativas e processos formativos fundamentais no campo da formação de professores em tempos de incertezas e bruscas transformações que estamos passando no momento (MORAIS; MARTINS; BRAGANÇA, 2021, p. 166).

---

<sup>1</sup> Publicado em 2021 na Revista *Teias*, Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/issue/view/2615/showToc>. Acesso em: 04 de março de 2022.



Com isso, é possível notar a riqueza de refletir junto com Freire acerca do que vem acontecendo no mundo atual, incluindo o caso específico do Brasil, que se reflete nos desfalques e impactos da gestão pública no âmbito da presidência com cortes gigantescos para o campo da educação, o que, conseqüentemente, se reverbera na formação de professores/as e na escola pública.

Com base na citação, é possível, ainda, elucidar o quão significativo foi o pensamento de Paulo Freire para o campo da formação de professores/as e para o desenvolvimento de uma pedagogia narrativa, representando, dessa forma, um intelectual de grande contribuição para pesquisadores/as narrativos, nos quais me incluo.

Desse modo, a ideia de uma prática de reflexão de si é muito cara no âmbito das abordagens da pesquisa narrativa, situando, mais especialmente, professores/as que se encontram em processo formativo permanente.

Assim, o pensamento freireano pode ser concebido como um dos relevantes motores de desenvolvimento e potencialidade para o campo da formação de professores/as pelo viés da reflexividade narrativa, já que, na docência, quanto maior o nível de profundidade das buscas de si mediatizadas pela reflexão, maiores serão as potencialidades de melhoria e enriquecimento da prática e construção de saberes e conhecimentos do/a docente.

É sob esse foco que penso ser significativo trazer um relevante estudo desenvolvido por Josso (2007), situando a riqueza das práticas de reflexão do sujeito em situação de formação e aprendizagem e que tem muito a ver com a proposta deste texto especialmente no que se refere à promoção de uma reflexividade narrativa:

*As práticas de reflexão sobre si, que oferecem as histórias de vida escritas centradas sobre a formação, comumente se apresentam como laboratórios de compreensão de nossa aprendizagem do ofício de viver num mundo móvel, globalmente não-dominado e, no entanto, parcialmente dominável na medida das individualidades, que se faz e se desfaz sem cessar e que põe em cheque a crença em uma “identidade adquirida”, em benefício de uma existencialidade sempre*

*em obra, sempre em construção* (JOSSO, 2007, p. 431. Grifos da autora).

Portanto, o processo de reflexão praticado numa perspectiva permanente na formação de professores/as é uma das práticas privilegiadas em que se promove o encontro consigo e com o outro em situações educativas e pedagógicas, configurando-se, assim, como uma dimensão potencial em que se tecem aprendizagens, conhecimentos e formação.

A necessidade de uma reflexividade na formação de professores/as, nesse sentido, pode significar o desenvolvimento de educação de melhor qualidade, que se transmuta na reorganização das práticas de ensino à luz de diferentes perspectivas, entre as quais: a relação professor/a-aluno/a; a (re)criação curricular; as práticas avaliativas; o planejamento educacional; o desenvolvimento dos conteúdos de ensino; a didática como um todo e tudo que a envolve em múltiplas interfaces.

Por isso, reforço, acerca da potencialidade da reflexividade narrativa, que:

O exercício de uma reflexividade no processo de formação de professores/as e no contexto de uma pesquisa científica se revela absolutamente necessário e emergente, tendo em vista que são duas instâncias articuladoras entre si fundamentais para a produção do conhecimento, as aprendizagens no contexto experiencial e as contribuições que o refletir impulsiona na (re)elaboração dos saberes da prática pedagógica e da pesquisa para os/as professores/as pesquisadores/as em que ambos, se modificam e constroem saberes e conhecimentos entre o ser professor/a e ao mesmo tempo o ser pesquisador/a, uma vez, que defendemos a indissociabilidade entre o pesquisar e se formar, já que acontece simultaneamente, daí a ideia de *pesquisaformação* (MORAIS; BRAGANÇA. PRADO, 2021, p. 203-204)

Como é possível perceber, é por meio do exercício de uma reflexão crítica, intencional e autônoma no exercício da profissão, ou seja, na e da própria prática, que os/as professores/as passam a se munir de ferramentas e dispositivos formativos fundamentais ao processo de transformação de si e da sua realidade. Assim, refletir antes, durante e após o fazer docente enriquece, significativamente, a prática do/a professor/a e dá condições de ampliar as possibilidades de sucesso da profissão e de sua didática.

Porém, a reflexividade que estou defendendo neste texto é aquela tramada e tecida pelas escritas narrativas (auto)biográficas, em que o sujeito passa a se ver e se perceber pelas escritas de si, das experiências e dos itinerários trilhados ao longo de sua vida pessoal, acadêmica, científica, cultural e de outros tantos âmbitos, dando sentido e consciência ao vivido e se transformando nesse processo.

### **(In)conclusões e permanências de um legado inesquecível de Paulo Freire**

Quanto mais me lanço a pensar no legado deixado pelo educador pernambucano Paulo Freire, maiores são as chances de mergulhar em um universo de outras potentes reflexões que, por vezes, somam-se e desabrocham em recriações de pensamentos.

Era esta a ideia que Freire mais disseminava em seus escritos e experiências cotidianas: fazer o sujeito pensar sobre si, diante da sua realidade e do mundo, sendo capaz de promover transformações substanciais mediatizadas pela reflexão e autorreflexão, o que levava a um estado de conscientização e, conseqüentemente, transformação.

Diante deste estudo realizado, posso perceber quão significativas foram as escritas reflexivas que Freire produziu, sempre pautadas em uma escrita narrativa (auto)biográfica que foi tecendo-se a partir de sua prática e existência constante em processos dialógicos estabelecidos em múltiplos contextos e com variadas pessoas e intelectuais.

Que a formação de professores/as, pautando-se por uma reflexividade narrativa, ganha muito quando praticada nas reais condições dos docentes é indiscutível. E é por isso, que se torna imprescindível a possibilidade de pensar que o processo de narrar a experiência, a vida e a formação ganharia muito mais sentido se professores e professoras empreendessem de forma permanente essa prática de forma crítica e aguerrida, razão pela qual há de se pensar em ter uma educação, formação e aprendizagem outra, consistente e, ao mesmo tempo, consciente, transformadora e emancipatória.

Nesse sentido, a forma e o conteúdo da obra de Freire revelam a criação e o desenvolvimento de uma teoria da reflexividade narrativa, a qual compreendo ter sido fundamental nos processos de formação de professores/as, pois o próprio Freire refletia a sua prática criticamente, impulsionando outros sujeitos a fazerem o mesmo, envolvendo, especialmente, educadores/as e professores/as populares, de jovens e adultos e de outros tantos segmentos e instâncias.

É válido ressaltar, também, o reconhecimento de inúmeros/as intelectuais e, dentre estes/as, muitos/as pesquisadores/as narrativos/as, mostrando as contribuições de Paulo Freire para o campo das abordagens narrativas (auto)biográficas e das histórias de vida, por representarem dispositivos potenciais de formação, aprendizagem e emancipação das consciências.

Nesses tempos configurados cada vez mais pelas incertezas e deslocamentos gerados no âmbito político, econômico, social e educacional no Brasil, em decorrência das políticas de direita ultraconservadoras que pairam no cenário nacional, uma educação para o pensar se faz necessária, bem aos moldes de uma pedagogia crítica radical, como propôs Paulo Freire.

Talvez, praticando uma reflexividade crítica, no âmbito de uma escrita e de um falar à luz das narrativas (auto)biográficas, pudéssemos ressignificar os tempos e espaços da formação de professores/as, das práticas pedagógicas e dos múltiplos saberes, as políticas e as práticas de aprender e empreender para uma educação de outros tempos que tanto faz falta, constituída de conquistas democráticas, plurais e horizontais.

Paulo Freire, presente! Ontem, hoje e sempre... na sua obra, no imaginário social, nas pesquisas narrativas, na formação humana e na educação!

## **Referências**

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto)biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação In.: BRAGANÇA, I. F. de S.; ABRAHÃO, M. H. M. B.; FERREIRA, M.

S. (Orgs.). *Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba: CRV, 2016. p. 29-50.

APPLE, Michael. *A educação pode mudar a sociedade?* Tradução de Lilia Loman. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In.: ABRAHÃO, M. H; M. B.; CUNHA, J. L. da; BÔAS, L. V. (Orgs). *Pesquisa narrativa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos*. Curitiba: CRV, 2018. p.65-81.

DOMINICÉ, Pierre. A formação e alguns dos seus componentes relacionais. In.: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 54. ed. rev. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

GIROUX Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 1997.

HENRIQUES, Eda de Oliveira; GUIMARÃES, Heriédna Cardoso; RODRIGUES, Verônica Fabiola Neves. Paulo Freire e pesquisa narrativa (auto)biográfica: diálogos entre leitura do mundo, de si e de trajetórias de formação. *Revista Teias*, v. 22, n. 67, p. 145-158, out./dez. 2021. Seção temática Celebrar Paulo Freire: reencantar o mundo e as utopias. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/62031/39923>. Acesso em: 04/mar./2022.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3, (63), p.413-438, set./dez., 2007. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf). Acesso em: 04/mar./2022.

MORAIS, Joelson de S.; MARTINS, Helen Arantes; BRAGANÇA, Inês Ferreira. O desenvolvimento de uma pedagogia narrativa no Brasil: as contribuições de Paulo Freire. *Revista Teias*, v. 22, n. 67, p. 159-171, out./dez. 2021. Seção temática Celebrar Paulo Freire: reencantar o mundo e as utopias. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/62017/39924>. Acesso em: 04/mar./2022.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Índícios de reflexividade (auto)biográfica em experiências narrativas de pesquisa formação com professores/as pesquisadores/as. In.: MORAIS, Joelson de Sousa; PRADO, Guilherme do Val Toledo; ARAÚJO, Francisco Antonio Machado (Orgs.). *Escritas de si e desenvolvimento profissional docente: ensaios (auto)biográficos de professores/narradores*. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2021

NAKAYAMA, Bárbara Sicardi. Carta-Prefácio. In.: MORAIS, Joelson de Sousa; PRADO, Guilherme do Val Toledo; ARAÚJO, Francisco Antonio Machado (Orgs.). *Escritas de si e desenvolvimento profissional docente: ensaios (auto)biográficos de professores/narradores*. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Educação*. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>. Acesso: 05/mar./2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Roteiro*, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267/pdf>. Acesso: 05/mar./2022.

---

Recebido em: 07 mar. 2022.  
Aprovado em: 27 abr. 2022.

\* **Joelson de Sousa Morais** é Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pedagogo, Mestre em Educação pela UFRN, é Professor Adjunto I do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó-MA. É pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC/UNICAMP) e do Grupo Interinstitucional de *Pesquisa formação* Polifonia (UNICAMP/UERJ).

E-mail: [joelsonmorais@hotmail.com](mailto:joelsonmorais@hotmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1893-1316>.

\*\*\*\*\*